

SONETOS DE CRUZ E SOUSA

SEM ESPERANÇA

Ó cãndidos fantasmas da Esperança,
 Meigos espetros do meu vão Destino.
 Volvei a mim nas leves ondas do Hino
 Sacramental da Bemaventurança.

Nas veredas da vida a alma não cança
 De vos buscar pelo Vergel divino
 Do céu sempre estrelado e diamantino,
 Onde toda alma no Perdão descança.

Na volúpia da dor que me transporta,
 Que este meu ser transfunde nos Espaços,
 Sinto-te lonje, ó Esperança morta.

E em vão alongo os vacilantes passos
 A procura febril da tua porta,
 Da ventura celeste dos teus braços.

ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
 Como um palhaço, que desengonçado,
 Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
 De uma ironia e de uma dor violenta.

Dá gargalhada atroz, sanguinolenta,
 Agita os guizos, e convulcionado
 Salta, gavroche, salta, "clown", varado
 Pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
 Vamos! retesa os músculos, retesa
 Nessas macabras piruetas d'ação...

E embora caias sobre o chão, fremenet,
 Afogado em teu sangue estufo e quente,
 Ri! Coração, tristíssimo palhaço.